



parte um
chatsworth







1

MEU PAI BEBE DEMAIS E MINHA MÃE COME DEMAIS, O QUE RESUME bem por que eu sou como sou: uma massa tensa de ansiedade, uma onda de suor frio ambulante. Três semanas atrás, quando entrei em meu décimo quarto ano de existência, eu me dei conta da única verdade estável e sólida em meu universo: não é fácil ser eu mesma.

— O jantaaaaar! — mamãe gritou lá do corredor, como sempre grita lá do corredor toda noite na hora em que chega do trabalho. Seu perfume instantaneamente me dá dor de cabeça. O som da porta batendo e o tilintar das chaves do carro acordaram Cão Juan. *Au. Au.*

— Já vou! — gritei de volta, mas não movi nem um músculo sequer. O jantar me assusta. Na verdade, *todas* as refeições e a maioria dos petiscos me apavoram. Elas acionam um filme de terror interno: *O ataque das células de gordura assassinas*. Não que eu deteste comida. Eu *amo*. O que pode ser melhor do que um pão quentinho besuntado de





manteiga derretida? Ou Doritos sabor queijo? Minha boca enche d'água só de pensar. Mas, dada a minha genética — o manequim de mamãe sempre foi superior à idade dela e papai não precisaria de *nenhum* enchimento para se fantasiar de Papai Noel —, sei que baixar a guarda, mesmo que uma única vez, é um convite para que minhas células de gordura inflam como um baiacu. Eu sou com toda a certeza uma *pré-gorda*. E comida é muito difícil de controlar e fácil demais de mandar sua vida inteira ladeira abaixo, desgovernada. Assim, quando mamãe me chamou para jantar, ignorei meu estômago roncando, levei o fone de novo ao ouvido, ajeitei as omoplatas no sulco confortável e quentinho da minha cama e continuei falando com minha melhor amiga, Nadine.

— Aí o que *ele* disse? E então o que *você* disse? Hã-hã. E o que *ele* disse?

Pela porta do quarto fechada, ouvi um dos meus irmãos brincando com seu Game Boy.

— Pega ele! Pega ele! Pega ele! — Senti o cheiro das fritas do McDonald's que mamãe trouxera para casa.

— Dirk! — gritou mamãe. — O *jantaritcho!*

Meu irmão Dirk, de 11 anos, é mais novo do que eu três anos, mas está a anos-luz da maturidade. Ele não é exatamente o que se pode chamar de grande realizador. Vive tentando ganhar tempo, dizendo “Hã?”, coçando o nariz e sugando de volta a poça de baba que se acumula atrás do lábio inferior pendente. Cão Juan, nosso chihuahua, tem quase a minha idade, o que, na idade dos cachorros, significa que ele tem uns 98 anos. Juan é o que você chamaria de pilhado. Ele late tanto que seu corpo minúsculo e trêmulo chega a levitar do chão.





— Dirk! — mamãe tornou a gritar. — Levante sua *bun-ditcha* daí!

Por acaso, eu já falei que minha mãe acrescenta sufixos engraçadinhos às palavras? Ela acha que isso é sinal de juventude e inteligência. Eu acho que é constrangedor demais para expressar em palavras. Uma vez, faz cerca de um mês, ela chamou a “produção” de Cão Juan de *cocozeitcho*. Lá fora — na frente de todo mundo.

Mamãe bateu à porta do meu quarto.

— Você ainda está pendurada nesta coisa? — Como se ela já não tivesse conferido a extensão duas vezes. — O jantar está na mesa.

— Vou desligar em um minuto! — falei. E continuei com Nadine: — Então, o que foi que ele disse?

— Rif! — mamãe berrou. — Onde foi que Rif se enfiou?

Essa era fácil. Rif, meu irmão de 16 anos, nunca está por perto. Ele esconde cigarros nos cachinhos do cabelo louro-acinzentado. Quando não há ninguém no raio de ação do cheiro, ele acende o cigarro, dá uma longa tragada, então o apaga com dois dedos molhados de cuspe e enfia o cigarro de novo no cabelo.

— Quem precisa de adesivos de nicotina? — ele pergunta. — Eu tenho o meu próprio método. — Seja lá o que isso signifique.

Uma vez, há mais ou menos um ano, Rif estava sentado na sala, assistindo à tevê, quando o lado direito da cabeça dele começou a fumar. Mamãe foi dizendo: “Chamem os bombeiros!”, enquanto o papai falava: “Não tem futebol hoje?” Não parece que meus pais algum dia tenham sido





feitos um para o outro. E eu nunca, nunca mesmo, me senti parte dessa família.

— *Agora*, Elizabeth. — Mamãe bateu à minha porta uma última vez.

Soltei um gemido.

— Tenho de ir, Nadine — eu disse ao telefone. — Me manda um e-mail mais tarde?

— Está bem. Mais tarde.

Desliguei, ajeitei meus cabelos lisos e atravessei o corredor em direção à cozinha. Rif veio deslizando atrás de mim cheirando a gel de cabelo queimado.

— É *Libby*, mamãe — falei, revirando os olhos.

— Tanto faz — disse ela, revirando os olhos também. Mamãe jogou um fio solto do cabelo superdescolorido de volta ao ninho de pássaros que ela chama de penteado. Puxou para baixo a saia cor de laranja superapertada, aplicou uma nova camada de batom rosa choque sobre a anterior, desbotada, tirou o borrão do lápis nos cantos dos olhos verdes e cambaleou pela cozinha nos saltos-agulha altos demais para uma mulher da idade e do peso dela. Não estou falando de uma quantidade de gordura que faz todo mundo olhar para você na rua, mas minha mãe definitivamente não vê os pés — ou como eles parecem salsichas apertados naquelas sandálias de tiras — faz algum tempo. É difícil acreditar que eu tenha saído dessa pessoa. Meu cabelo é comprido, castanho e brilhante. Meus olhos são azuis. Eu nunca uso maquiagem, a menos que se considere protetor labial como maquiagem.

Meu irmão Rif um dia avaliou minha aparência como “C”.

— Quem perguntou alguma coisa a você? — retruquei, visivelmente magoada.



— O que tem de errado com “C”? — ele protestou. — É a média.

O que doeu ainda mais. Quem quer ficar na *média*? Mãe interveio, oferecendo apoio.

— Com um pouquinho de maquiagem, querida, tenho certeza de que conseguiria tornar você um “B”.

Como eu disse, ser eu mesma não é fácil. Você não espera que sua *mãe* pense que você é um “A”, mesmo que você não seja? E, por falar nisso, você não espera que seus pais dêem um bom exemplo? Não estou dizendo que minha mãe e meu pai sejam influências ruins — apenas que eles não estabeleceram padrões familiares muito altos. Não consigo me lembrar da última vez que vi minha mãe pegar um livro ou meu pai largar o controle remoto. O ideal de férias familiares para mamãe é Las Vegas, principalmente pelos bufês baratos do tipo coma tudo o que quiser. Papai sonha em ficar em casa com várias caixas de cerveja enquanto todos nós vamos para algum lugar em que o celular não funcione. Uma vez, ele chegou a me dizer: “Sabe qual é a pior coisa de ter filhos? Eles estão sempre *por perto*.”

Naturalmente, levei para o lado pessoal. Rif *nunca* está por perto e Dirk ainda é pequeno o suficiente para ser ignorado. Perguntei a papai: “Aonde você espera que eu vá?”, mas ele simplesmente deu de ombros e aumentou o volume da tevê.

Na maior parte do tempo, parece que meus pais são as crianças e que só nos resta criar a nós mesmos. Sim, eles nos dão comida e abrigo, mas é praticamente só isso. Mamãe e papai têm problemas demais para se preocupar com coisas bobas como notas, reuniões de pais e professores, alimenta-





ção ou me ajudar a entender a diferença entre absorventes médio e super e se eu preciso de abas.

Numa dessas noites, quando papai e eu assistíamos a um debate do tipo “genética versus ambiente” no Discovery Channel, tive uma revelação perturbadora. Minha genética é repleta de potencial para dependências, um traseiro do tamanho do Texas, egocentrismo crônico, assassinato de palavras, um guarda-roupas fluorescente e cabelos verdadeiramente medonhos. Quanto ao ambiente, bem, na minha família, o ambiente é basicamente uma porcaria. Ano passado, quando fiquei chateada por Nadine ter entrado para a turma de inglês avançado e eu não, mamãe fez um tabuleiro de *brownies* e me deu um cartão de melhoras. E o assinou: “*Con* amor, Mamãe”, o que me deu certeza de que ela não cursou ortografia avançada.

Ficou revoltantemente claro que tanto a genética quanto o ambiente estavam conspirando contra mim. Que roubada! Eu tenho de superar a própria *Criação* se quiser ter uma vida normal.

A meu lado, no sofá, papai arrotou, como se a Criação estivesse de pleno acordo.

Eu mal podia esperar pelo fim do programa para dar início a uma acalorada discussão de como ele poderia se tornar um modelo melhor, mas, nos créditos finais, ele já estava roncando, a camiseta levantada, deixando ver um umbigo muito cabeludo. No fundo, eu sabia que, mesmo que estivesse acordado, ele roncaria durante toda a minha discussão e esta seria tão bem-sucedida quanto as centenas de vezes que mamãe pedia a ele que parasse de beber cerveja.



Naquela noite, fui forçada a encarar um desconcertante fato dos meus 14 anos de vida: estou por minha própria conta. Cabe a mim criar a vida que quero ter. Não posso deixar isso a cargo do destino mais do que posso comer duas fatias da pizza de pepperoni e esperar que meu corpo não perceba as 534 calorias e 56 gramas de carboidratos. Eu devo ser senhora do meu destino ou jamais sequer tocarei na superfície do que é ser normal. Ou nunca terei um namorado ou um emprego legal ou um passaporte com carimbos exóticos. E, principalmente, nunca experimentarei aquilo que mais quero: o verdadeiro amor.

Eu sabia exatamente o que tinha de fazer. E foi aí que o fiasco começou.

Foi originalmente uma ideia de Nadine. Talvez tenha sido minha. Somos assim, nós duas. Nossos cérebros são os hemisférios direito e esquerdo de uma só consciência. Ela tem autoconfiança; eu finjo que tenho. Mas nem sei dizer quantas vezes tivemos a mesmíssima ideia no mesmíssimo momento. Assim, de verdade, é difícil dizer quem pensou primeiro. O Beijo para Valer ganhou vida em algum ponto no ar entre nossas cabeças, bem no início da primeira série do ensino médio.

— Sabe o que eu queria? — perguntou Nadine. Estávamos deitadas em duas boias infláveis no meio do quintal de terra batida da minha casa, bronzando as pernas. Ambas havíamos completado 14 anos no fim do verão, e estávamos avaliando nossa vida com a sabedoria que vem com a maturidade.

Era o primeiro sábado depois do começo das aulas. E eu já me sentia totalmente inadequada. Carrie Taylor havia passa-



do um mês na Grécia com a família, num barco (ela fazia questão de dizer “iate”) e estava com o bronzeado cor-de-mel mais lindo que já vi. Ouvi dizer que ela usou azeite de oliva em vez de Coppertone, mas mamãe disse: “Nada disso, *queridovska*”, quando tentei surruper o azeite na cozinha.

A própria Nadine também estava com uma aparência impressionante. Tinha ficado mais alta, mais magra e mais loura durante o verão. Somos melhores amigas desde que ela, baixinha e gordinha, andava de bicicleta pelo bairro com um corte de cabelo desfiado que a mãe fizera com a máquina comprada no eBay. Agora, o cabelo comprido e liso de Nadine, muito mais louro do que o meu, exhibe um corte profissional. Quando ela corre, os fios balançam suavemente de um lado para outro, como uma dançarina de hula-hula. Além disso, ela é ótima jogadora de futebol, uma daquelas “atletas naturais”. Na escola, Nadine usa calças de ioga de cor creme e camisetas *baby-look*, e parece sempre arrumadinha, sem o menor esforço. Quando tento vestir uma roupa assim, é como se eu tivesse esquecido de tirar o pijama. Não tem como fingir ser uma atleta “natural”. Eu já tentei. Nadine simplesmente ri. “Talvez você devesse ficar com o preto básico”, ela diz, sorrindo, “para refletir a angústia da sua alma.”

De alguma forma, Nadine conseguiu evitar a angústia negra, assim como as espinhas no queixo e os dentes salientes e outros horrores da adolescência. Ela é o tipo de garota que irradia saúde e faz você sorrir só de olhar para ela, como se soubesse que ela é legal. O que ela é mesmo.

Quanto a mim, estou sempre tentando fazer meu corpo mediano parecer acima, bem, da média.





De vez em quando, eu me pergunto se Nadine e eu seríamos melhores amigas se não fôssemos melhores amigas desde que éramos crianças morando a duas ruas de distância uma da outra. Será que nossa conexão tem mais a ver com geografia do que com química? O que sei com certeza é que não quero tirar a prova.

— Você quer que a NASA invente sorvete que deixe a gente sem peso — eu disse a Nadine, deixando o humor camuflar minha inveja.

Nadine riu.

— É, isso também. — Ambas pegamos nossas limonadas ao mesmo tempo e bebemos pelos canudos dobráveis. — Mas sabe o que eu quero *de verdade*?

Eu sabia. É claro que sabia. Suspirei.

— Eu também.

— Não seria legal?

— *Muuuito* legal.

— Como você acha que é?

Reclinando-me no travesseiro de borracha da minha boia, tentei imaginar. Estávamos falando, naturalmente, do que é grande e supremo: o Amor. Eu já havia imaginado o amor verdadeiro antes. Era cheio de cor e luz. Plumas cor-de-rosa, fitas turquesa e espirais douradas que tremeluzem ao sol. E era refrescante também: uma manta de cetim, ar-condicionado que nunca parava e que não era caro demais para deixar ligado durante todo o verão, dia e noite. O amor era macio, liso e lindo. Totalmente diferente da nossa velha casa bege e horrorosa, em Chatsworth, na Califórnia, erguendo-se no meio da cidade como um burrito fumegante na parte mais quente do suburbano San Fernando Valley. Nada pare-



cido com esse quintal que começara com ervas espinhentas e agora era só terra seca e poeirenta.

— Por que se dar ao trabalho de plantar alguma coisa? — perguntara papai. — Vamos ser os únicos a ver.

Como se nós não fôssemos importantes, e a única coisa a considerar fosse se outras pessoas veriam.

Não, o amor não era nada assim. O amor verdadeiro era vivo e ardente, e podia ser exposto para que todos o vissem.

— Eu acho que o amor é como voltar para casa — afirmei, acrescentando: — Se você gosta de onde mora.

Nadine riu novamente. Ela sempre ria com as coisas que eu dizia, o que fazia com que eu me sentisse maravilhosa.

— Eu acho que o amor é como... como... — Nadine fez uma pausa, olhou para mim e então nós duas dissemos exatamente a mesma coisa, exatamente ao mesmo tempo. — O amor é como um beijo para valer.

— É isso! — exclamei. — Um beijo *para valer*. Não um amasso idiota debaixo da arquibancada.

— Não um beijo melado estúpido no porão de alguém.

— Não um beijo fingido porque um cara qualquer quer que você fique com ele.

— Não, não um beijo de mentiroso.

— De jeito nenhum. — Eu me estiquei na minha boia e disse: — O amor verdadeiro é como um beijo profundo, cheio de paixão, capaz de fundir almas.

— Um beijo tão intenso que faz você desmaiar depois. — Nadine se sentou.

— E aí ele acorda você com outro beijo.

— Ele ergue seu pescoço com a mão e a beija, trazendo você de volta à vida.



— Você abre os olhos — eu disse, meus olhos se fechando — e o vê olhando para você com tamanha devoção que seu coração para de bater.

— Porque ele é o seu amor — completa Nadine suavemente.

— E a sua alma gêmea.

— E tudo o mais. — Nós paramos, bebemos mais um gole de limonada, sentimos o líquido frio e acidoce descer pela garganta.

— É isso que eu quero — eu disse à minha melhor amiga.

— Eu também — replicou ela.

— Este é o meu objetivo este ano.

— O meu também.

Nós duas suspiramos.

Tanto Nadine quanto eu já havíamos sido beijadas. Quer dizer, não éramos bocas virgens nem nada. Mas nenhum dos nossos beijos tinha feito a terra tremer... nem mesmo o mais leve tremor. Bert Trout, conhecido como “o Garoto Peixe”, beijou Nadine num jogo de futebol da escola. Ele simplesmente se inclinou para a frente e plantou um beijo nela.

“Foi como beijar uma almofada para alfinetes”, ela contou. “O bigode dele — se é que se pode chamar aquilo de bigode — espetava e incomodava.” Não ajudou nem um pouco o fato de ele ter errado completamente sua boca. O Garoto Peixe beijou o lábio superior e a base do nariz de Nadine, e, na verdade, ela mal pôde esperar que aquilo acabasse.

Meu vizinho Greg Minsky me beijou uma vez, mas foi molhado demais e me deixou com um pouco de nojo. Ele tentou um pouco de atividade com a língua, mas de jeito nenhum eu ia engolir o cuspe de Greg Minsky; assim, eu



basicamente empurrei a língua dele de volta ao local ao qual ela pertencia. Depois disso, passei a manter o queixo abaixado e não lhe dei outra oportunidade. Embora ele ainda pareça querer tentar: Greg patina para cima e para baixo em nossa rua sempre que estou na frente da minha casa e sempre encontra algum motivo para parar e conversar. Tudo bem. Eu gosto dele, só que não *desse* jeito. Ele é magricela demais e o traseiro dele é uma câmara de ar murcha. Ao contrário de mim, ele come o tempo todo. Mas uma vez ele fez a besteira de me dizer que a comida atravessava seu sistema digestivo várias vezes por dia. Eca!

— É, eu quero um beijo *para valer* — eu disse a Nadine.
— E longo. Um beijo que signifique amor verdadeiro. Esta é a minha ambição este ano.

— A minha também.

Sentando-me, ergui a mão esquerda e pus a direita sobre o coração. Nadine fez o mesmo.

— Por ocasião de nosso aniversário de 15 anos — anunciei —, nós, Libby Madrigal e Nadine Tilson, já teremos experimentado pelo menos um beijo totalmente verdadeiro, sincero, significativo, profundo, poético, inspirador, repleto de amor, digno de anotação no diário, capaz de dobrar os joelhos, causar insônia, tirar o apetite, mexer com a cabeça, mudar a vida da gente, inesquecível e inegavelmente para valer.

— Um só? — riu Nadine.

— Se posto em prática apropriadamente, um é tudo de que precisamos.

— Fechado?

— Fechado.



Apertamos as mãos, alvoroçadas. O plano estava traçado. Tudo de que precisávamos eram dois garotos surpreendentes, sensíveis, sérios e beijáveis. Isso e a coragem de levar o plano a cabo.

O que me fez pensar — dada a angústia da minha alma e as óbvias deficiências no departamento genética/ambiente — que isso seria fácil?

